

✦ O discurso das descobertas através dos relatos de viagem de missionários, aventureiros e descobridores.

Profa. M. A . Rosineide Guilherme da Silva

O discurso das descobertas se inaugura por meio de enunciados que já se tornaram estereótipos da conquista. Tais enunciados estão presentes em praticamente todos os relatos de viagem. São enunciados exclamativos do tipo: "Terra a vista!", "avistamos terra", "avistamos a Índia Ocidental"...

Com efeito há cerca de quatro meses já não víamos porto e flutuávamos no mar não raro com a idéia de que nos encontrávamos num exílio sem solução. Por isso logo que verificamos ser o continente que víamos, pois muitas vezes nos enganaram as nuvens, velejamos para a terra e no mesmo dia, com nosso almirante à frente fomos ancorar a meia légua de um lugar montanhoso chamado Huuvassú pelos selvagens. (LÉRY, 1980, p. 17)

Depois de tantos meses sem avistar porto, tendo por cenário apenas um céu e um mar que muitas vezes se apresentavam hostis e inóspitos, surpreendendo os nossos viajantes com terríveis tempestades, sem falar da inconstância dos ventos, do calor e outros incômodos, esses comentários (Terra a vista! etc) já cristalizados a partir do discurso de aventureiros, piratas, missionários, descobridores, demonstram uma certa sensação de vitória, surpresa, alívio, curiosidade, quando avistam terra firme.

No contexto das descobertas aquilo que é visto é porque existe; e quem vê adquire o direito de posse, um direito que é lavrado através do relato, que descreve o que foi visto. Esse tipo de descrição, comum a todos os relatos de viagem, é o que dá início a um certo processo de apropriação. Descobrir então, é sinônimo de conquistar, conquista pressupõe domínio. Um domínio que parece perseguir a trajetória de quinhentos anos de existência do espaço e da nação brasileira. O que muda é apenas o nome e a origem dos dominadores. Os discursos, na verdade, são os que fundamentam a história. Não existe história se não existe discurso. É através do discurso, que a história ganha sentido. Dessa forma é que os nossos relatores, em sua literatura de viagem, instituem sentido à nossa história por meio do discurso que resulta de suas observações e descobertas. A nossa história, então, vai tomando forma assim, através de um imaginário instaurado pelos relatos que se utilizam de um discurso que apresenta o Novo Mundo ao Velho Mundo:

(...) tomei a resolução de descrever os factos ou coisas mais notáveis que cuidadosamente observei em minha viagem (...) temperatura do ar, costumes e maneiras de viver dos habitantes (...) (ORLANDI, apud, Thévet, 1980, p. 15)

Um ponto não muito coerente desta literatura colonial é que tende a deslumbrar-se com o aspecto desconsiderando o histórico e o político. Assim, não passamos a fazer parte da história, a história do mundo que já existe politicamente, mas permanecemos à margem como seres de cultura singular, diferentes, que não se inserem nos padrões europeus, somos praticamente ahistóricos. E esses efeitos de sentido são os que até hoje nos reservam um certo "karma" de colônia. Uma vez colônia...

O discurso das descobertas é pois, o discurso sobre o índio (o nativo encontrado aqui) e sobre o próprio Brasil, registrando suas peculiaridades, seu espaço geográfico, sua vegetação, codificando um conhecimento para o europeu que não viu, que não viveu e que até então não tinha notícia exata do que havia aqui. Essa codificação que dá a conhecer as coisas do Brasil ao Velho Mundo se constrói por meio de comparações com base no que já existe lá; a dimensão geográfica, o comportamento das pessoas, a indumentária, as crenças, tudo é colocado a partir dos modelos europeus e "pesados em uma mesma balança".

"Mas o que mais nos maravilhava nessas brasileiras era o fato de que, não obstante não pintarem o

corpo, braços, coxas e pernas como os homens, nem se cobrirem de penas, nunca pudemos conseguir que se vestissem, embora muitas vezes lhes déssemos vestidos de chita e camisas. Os homens, como já dissemos, ainda se vestiam por vezes mas elas não queriam nada sobre o corpo e creio que não mudaram de idéia. Em verdade, alegavam, para justificar sua nudez, que não podiam dispensar os banhos e lhes era difícil despir-se tão amiúde, pois em quanta fonte ou rio encontravam, metiam-se n'água, molhavam a cabeça e mergulhavam o corpo todo como caniços, não raro mais de doze vezes por dia. Suas razões eram plausíveis e quaisquer esforços para convencê-las do contrário foram aliás inúteis. E tão forte era esse hábito e tanto se deleitavam com a nudez que não só obstinavam em não se vestir as mulheres dos tupinambás, que viviam no Continente em plena liberdade, com seus maridos e parentes, mas ainda as próprias prisioneiras de guerra, que compráramos, e conservávamos no forte para trabalhar; embora as cobríssemos à força, despiam-se às escondidas ao cair da noite e passeavam nuas pela ilha, por mero prazer". (LÉRY. 1980, p. 120)

Dessa forma vemos como desde a construção do discurso sobre a nossa origem, foi se formando o jeito de ser brasileiro, o sentido do "ser brasileiro" e suas conseqüências até hoje. Por exemplo: a idéia do brasileiro fogazão, despreocupado, que não trabalha tanto quanto o europeu, pois está cercado de uma natureza que lhe oferece tudo; os homens e principalmente as mulheres que caminham nuas na praia ou na floresta, são imagens exportadas para o mundo inteiro, ainda hoje, sobre a natureza e personalidade dos brasileiros, que nós bem sabemos não condizem com a verdade. A nossa identidade vai se formando então, através da interpretação da fala e do registro de outros os relatores de viagem. É a voz deles e daqueles que ouvem, lêem ou têm notícia de seus relatos que define, que produz a nossa brasilidade. Uma brasilidade que nós brasileiros aprendemos a identificar e a definir a partir de outras vozes, outras falas, outros discursos, os discursos dos europeus quando falam de suas descobertas por aqui. Daí se percebe a força que possui um discurso, podendo construir o bem ou o mal, o significado e o insignificante, os estereótipos, os clichês, enfim uma história e o sentido dessa história. Concluimos então, que o discurso colonial que se caracteriza basicamente por ser o discurso das descobertas, reconhece apenas o cultural negando o histórico e o político. E é essa negação da nossa história que gerou como efeito de sentido esse rótulo de colônia ao qual estamos submetidos até hoje.

"Embora seja aceita universalmente a sentença de Cícero, de que não há povo, por mais bruto, bárbaro ou selvagem que não tenha idéia da existência de Deus, quando considero os nossos tupinambás vejo-me algo embaraçado em lhes dar razão. Pois além de não ter conhecimento algum do verdadeiro deus, não adoram quaisquer divindades terrestres ou celestes, como os antigos pagãos, nem como os idólatros de hoje, tais os índios do Peru, que, a 500 léguas do Brasil, veneram o sol e a lua. Não têm nenhum ritual nem lugar determinado de reunião para a prática de serviços religiosos, nem oram em público ou em particular. Ignorantes da criação do mundo não distinguem os dias por nomes específicos, nem contam, semanas, meses e anos, apenas calculando ou assinalando o tempo por lunações. Não só desconhecem a escrita sagrada ou profana, mas ainda, o que é pior, ignoram quaisquer caracteres capazes de designarem o que quer que seja". (LÉRY, 1980, p. 205 e 206)

O discurso religioso dos missionários da época também não deixa de ser um discurso da conquista da descoberta, que através de uma linguagem etnográfica acaba por colocar o Brasil como sendo "o lugar" da etnografia, como sendo pré-destinado para tal. Esse é mais um jogo de sentidos que foi ajudando a construir o processo ideológico que constitui o discurso das descobertas. Esse discurso etnográfico que é produzido pelos religiosos e missionários europeus e que são o resultado de suas observações sobre as características e o comportamento dos nossos índios, mostram como o Brasil não faz mais que fazer parte do capítulo sobre a etnografia dentro da história européia, "esta sim como uma história, ou melhor a história, a verdadeira, a única". (ORLANDI, 1990, p. 37)

No discurso das descobertas a principal relação que se estabelece é entre o indivíduo que descobre, discursa, nomeia, registra e o outro, o diferente (no ponto de vista do relator, do que discursa). No geral esse tipo de relação apresenta um sujeito que domina o que é seu e pretende dominar também o que é do outro, o que pertence à cultura do outro. Sempre estabelecendo parâmetros de certo-errado. No discurso sobre a religião, por exemplo, é fácil perceber esta postura.

"Quando conversávamos com os selvagens e calhava lhes dizermos que acreditávamos em um só

Deus soberano, criador do mundo, que fez o céu e a terra com todas as coisas neles contidas e delas dispunha como lhe aprazia, olhavam uns aos outros com espanto e pronunciavam o seu vocábulo designativo de admiração: Teh. E quando ribombava o trovão e nos valíamos da oportunidade para afirmar-lhes que era Deus que assim fazia tremer o céu e a terra a fim de mostrar sua grandeza e seu poder, logo respondiam que se precisava intimidar-nos não valia nada. Eis o deplorável estado em que vive essa mísera gente." (LÉRY, 1980, p. 206 e 207) Outro aspecto que caracteriza o discurso das descobertas é o fato de tratar-se de um discurso sem reversibilidade, pois como bem define Eni Orlandi:

"O europeu nos constrói como seu "outro" mas, ao mesmo tempo, nos apaga. Somos o "outro", mas o outro "excluído", sem semelhança interna. Por sua vez, eles nunca se colocam na posição de serem nosso "outro". Eles são sempre o "centro". (ORLANDI, 1990, p. 47)

Esse discurso colonialista, que compõe os relatos dos "visitantes" europeus, é o que coloca no brasileiro uma marca de nascença, que como sabemos funciona até hoje e certamente deve continuar por muito tempo ainda. É uma marca ahistórica que constrói o imaginário para a significação do brasileiro. Hoje se sabe bem que todo esse efeito ideológico e esse imaginário que sustentam a sociedade não surgiram do nada. E além disso possuem uma materialidade que veio sendo fixada por meio do discurso, como uma espécie de determinação histórica dos processos de produção de sentidos sobre o brasileiro, que vem desde os primeiros contatos com o colonizador. E tudo isso está tão arraigado entre nós que essa marca de nascimento [colonizado] parece acender muitas vezes, facilitando as condições para que novas relações colonizador-colonizado se realizem.

Esse constante reacender pode ser um resultado do próprio discurso das descobertas que desde o começo parece mesmo ter sido criado com o propósito de eternizar certos enunciados que acabaram por se cristalizar na história do povo brasileiro tornando-se conhecidas paráfrases e repetições. São enunciados que se repetem com outras palavras, mas que conservam o sentido ou a intenção primeira; outros sequer têm as palavras modificadas visto que seguem sendo repetidos e "engolidos" exatamente como quando foram criados, ditos, inventados: "O Brasil foi descoberto em 1500", "O Brasil foi descoberto por Pedro Álvares Cabral", "Nessa Terra em se plantando, tudo dá".

O caráter repetitivo desse tipo de enunciado que compõem o discurso das descobertas contribuem bastante para que ainda hoje nós brasileiros nos sintamos agarrados ao estereótipo de "colonizado" e portanto susceptíveis a novas investidas colonizadoras, mesmo hoje, quinhentos e dois anos depois:

"Fica sempre como se só nós tivéssemos um "outro". O nosso outro é o português, o italiano, o francês etc. Como nos constroem uma história em que somos apagados como alteridade, somos "apenas" singulares, temos "particularidades". Não somos o outro constitutivo porque não "somos" (seres históricos etc.) Em suma, vemos o discurso que define o brasileiro como constitutivo dos processos de significação indefinidamente em circulação do imaginário constituído por uma sociedade como a nossa. Nessas condições, não é o discurso do Brasil que define o brasileiro, é o discurso sobre o Brasil". (ORLANDI, 1990, p. 48)

Então hoje, cinco séculos depois do surgimento do Brasil para o mundo, o mais importante não é insistir em dar sentido a nossa história, mas entender, interpretar coerentemente o que ficou de todo esse longo processo de produção histórico-literária sobre o nosso país.

A nossa sociedade vem reagindo muito bem aos processos de exclusão a que estamos submetidos desde o início. Tais processos acabaram por gerar um paternalismo e um exotismo (quase uma obrigação de termos certas singularidades). Já convivemos e aceitamos com naturalidade, perante o mundo, a nossa condição de seres "culturais" que apresentam particularidades às vezes atraentes, às vezes marcadas pela barbárie. Não cabe aqui e agora, entretanto, tentar definir o brasileiro. O que vale a pena no momento, é observar como o discurso que aos poucos vai "descobrir" o brasileiro constitui processos de significação, produzindo o imaginário que promove a existência e o funcionamento da nossa sociedade. Por tudo isso é que resulta interessante e oportuno analisar as falas do discurso que no decorrer do tempo vão mostrando e constituindo o imaginário social para a significação do que é ser brasileiro. O discurso colonial é então, o discurso que funcionará ao longo de toda a nossa história; um processo que faz com que o ter sido colonizado deixe de ser uma marca histórica para significar uma

essência. É um discurso que continua produzindo os seus sentidos, desde que se apresentem as condições. Através da análise do discurso focalizamos muito mais a observação do processo que a do produto. Sendo assim, é que no presente estudo partiu-se do relato para enfatizar a prática discursiva que ele representa, considerando-o então não como memória mas como lugar de constituição dos sentidos que vão definindo, formando a nação brasileira. Essa literatura não está para ser trabalhada apenas como produto de uma determinada época, mas como a constituição prática da cultura da época de sua produção; e que não perdeu nem perderá a sua validade, visto que é a representação concreta do que chamamos memória nacional.

Referência Bibliográfica

TADEN, Hans. São Paulo, Editora Nacional, 1945.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Terra à vista!:* discurso do confronto; velho e novo mundo. São Paulo. Editora da Unicamp, 1990.

LÉRY, Jean de. *Viagem à terra do Brasil.* São Paulo. Ed. Itatiaia, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1980.

CAMINHA, Pero Vaz. *A carta.* São Paulo. L&PM/História, 1987.

GIUCCI, Guillermo. *Viajantes do maravilhoso: o Novo Mundo.* São Paulo, Companhia das Letras, 1992.